

SEMANA DE ESTUDOS

BRASIL, 500 ANOS: QUEM EVANGELIZAMOS?

Sandro de Souza Portela

É claro que a temática dos quinhentos anos de Brasil não poderia deixar de estar presente numa semana de estudos teológicos do nosso Instituto, pois vivíamos um momento em que se comemoravam os cinco séculos de chegada do homem europeu a estas terras desconhecidas que, posteriormente, viriam a ser chamadas de Brasil.

Esta foi a idéia principal que norteou todos os trabalhos, desde o início do ano de 2000, para a realização da **XVIII Semana de Estudos de Teologia**.

Com o empenho do Diretório Acadêmico e auxílio do ITCR e da PUC-Campinas, além, é claro de muitos alunos e outras instituições que colaboraram para a concretização da semana teológica, oficializou-se o tema: **BRASIL, 500 ANOS: QUEM EVANGELIZAMOS?**

A partir de então, começou-se a organizar a mesma no sentido de elaborar as palestras e definir os assessores. Tarefa essa nada fácil, que custou muito empenho e dedicação de muitas pessoas interessadas no bom êxito da semana, como vinha ocorrendo tradicionalmente no ITCR.

Os próprios acadêmicos dos cursos de Teologia e Ciências Religiosas sugeriram as temáticas que gostariam que aparecesse no decorrer da semana, ficando assim constituída: uma análise sócio-cultural brasileira, uma abordagem bíblica, uma análise com o enfoque da Moral, a ética nos meios de comunicação e o "mercado" religioso, e,

por fim, algo na linha de evangelização, destacando quais rumos deveriam a Igreja e a sociedade brasileira assumir a partir daí.

Tendo, então, assumido esse desejo dos acadêmicos, o Diretor do ITCR, Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves afirmou: *“A análise teológica dos 500 anos de evangelização no Brasil exige abarcar a perspectiva dos pobres que englobe uma totalidade utópica: a emergência de um Brasil politicamente participativo, economicamente justo, culturalmente solidário e religiosamente constituído de pessoas irmãs umas das outras que vivam a fraternidade”*.

Antes, porém, de iniciar a explanação do conteúdo das reflexões, creio que cabem algumas considerações acerca do evento. A data foi assumida entre os dias 18 e 22 de setembro de 2000 e utilizou-se o anfiteatro Dom Barreto, da Casa de Nossa Senhora, da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Os acadêmicos Rodrigo Catini Flaibam e Rafael Capelato, ambos do 2º ano de Teologia, foram os responsáveis pela elaboração do logotipo e composição dos cartazes para divulgação. Todas as noites foram iniciadas com algum tipo de apresentação cultural: teatro, dança, música, cujo intuito era resgatar alguma forma de representação da cultura do povo brasileiro e tornarem conhecidos os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos dentro da própria universidade, até lançamentos de livros de professores do ITCR.

Como se pode observar, uma semana com intensos trabalhos e que exigia muita responsabilidade, mas que, com toda certeza, tudo seria muito bem recompensado com o aproveitamento e enriquecimento teológico que os alunos viriam a ter posteriormente.

No primeiro dia da semana, o Prof. Chico Alencar (Professor de História e Escritor), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, veio tratar o tema: **Aspecto sócio-cultural dos 500 anos de Brasil**. Iniciou sua colocação se dirigindo aos presentes com certa indagação e, ao mesmo tempo, com grande ironia: “Estudar Teologia?!!! Vocês são muito ousados!”.

Para Chico, é difícil responder, analisando social, cultural e historicamente o que é o homem e para onde vai, uma vez que o Brasil é uma nação e não uma porção de símbolos. O Brasil é constituído de um povo, e um povo em formação. Por isso acredita ser difícil entender o que significa comemorar 500 anos de Brasil: 500 anos de que? Quem somos nós?

Ele, porém, não descarta a certeza de que na história não há oprimido sem haver um opressor. Assim, a sociedade se torna medíocre na medida em que as pessoas são irresponsáveis consigo mesmas e alienadas em relação aos outros. Concorda com Paulo VI quando este último sonha com um mundo sem fronteiras, mas crê que isso está muito longe de ser conseguido.

O Brasil tem 500 anos? Sim e não. Sim porque estamos habituados a comemorar dessa maneira, mas não, porque o Brasil só tem 178 anos de independência (tornou-se independente de Portugal somente em 1822) - se é que se pode chamar o Brasil de um país independente... - e de dívida, e mais ou menos 11.500 anos (até hoje não se descobriu nenhum habitante anterior) desde que aqui viveu o primeiro ser humano. Assim sendo, pode-se afirmar que somos todos "índios" (expressão também erroneamente utilizada). Ah! Por falar em índios, citou o grande descaso e massacre das comunidades primitivas aqui existentes: hoje são cerca de 180 povos constituídos de aproximadamente 330.000 pessoas (antes 970 povos e cerca de 8 milhões de habitantes). São muito poucos em comparação com a grande extensão territorial do Brasil e o número que já foram um dia (chegaram a ocupar 70% do território nacional). As pessoas acreditam que o índio é uma espécie de "pré-humano", e isso não é verdade.

Quando passou a falar acerca do período de colonização, afirmou que o Brasil não foi colonizado mas, sim, povoado. O que aqui aconteceu foi um povoamento e somos, então, também, lusitanos. Porém, o que importa não é quem coloniza, mas como coloniza. Citou a diferença entre o que ocorreu com o Brasil e com os Estados Unidos. Aqui fomos explorados, lá, habitados, educados e desenvolvidos.

O brasileiro é composto, também, de negros. Deve-se destacar a grande diáspora dos séculos XV a XIX na África, na qual mais de 60 milhões de pessoas sofreram holocausto. A África é o berço de toda a humanidade com esses números.

Mas o povo brasileiro não é formado só de índios, portugueses e negros. Há de se considerar, também, as sensíveis levadas migratórias que se fixaram aqui: italianos, alemães, espanhóis, japoneses, sírios, holandeses e outras mais modestas.

Chega, enfim, o século XX: o povo brasileiro começa a deixar de ser rural, bucólico, e começa a ser industrializado. Uma grande mudança que faz com que a forma de vida se altere profundamente. Há

os avanços tecnológicos, principalmente na segunda metade do século, ocorrem as influências dos Meios de Comunicação Sociais, ou meios de massa, na qual é forjada uma idéia de uma época marcada pelos dominantes, pelos detentores do poder e mantenedores da opinião pública, através destes meios de comunicação, que, se por um lado, práticos, de outro, deturpadores e parciais. No Brasil, quem manda é quem tem o poder da comunicação.

Antes de encerrar, porém, sua reflexão, que tentei resumir nestas linhas brevemente, deu um exemplo disso: em 1999, o Ministro de Turismo e Esporte do Brasil, Rafael Greca, encomendou uma canção a Chitãozinho e Xororó que seria uma espécie de "Hino do Descobrimento" para ser entoado no ano 2000. Chico, então, tomou seu último livro (*BR 500 - um guia para a redescoberta do Brasil*, Petrópolis, Vozes, 2000³, pág. 211-213) e leu a tal canção. Depois, propôs uma outra versão, talvez uma paródia da anterior. Apresento, aqui, ambas:

500 ANOS (CHITÃOZINHO E XORORÓ)

O meu país é uma arena
Gigantesca
Onde eu bebo água fresca
Nas cacimbas do sertão

Sou berranteiro
Andarilho, sou
Matreiro
Sou peão, sou boiadeiro
Na poeira desse chão

E lá se vão 500 anos de
Galope
Não duvide que eu tope
Contar tudo que eu já vi

No meu cavalo por esse
Brasil afora
Eu passeio pela história
Do Oiapoque ao Chuí

Eu vi chegando caravelas
Do futuro
Lá no meu Porto Seguro
Quando o sol trazia luz

Vi bandeirantes atrás de
Ouro
E diamante
Nos lugares mais
Distantes
Da Terra de Santa Cruz

Andei nos pampas
Vi a Guerra dos Farrapos
E por um triz eu não
Escapo
No meu ligeiro alazão

Vi Tiradentes, vi Antônio
Conselheiro
Lampião, índio guerreiro
Padre Cícero Romão
Eu vi Zumbi, negro arisco
Dos Palmares

Feito uma oração
De um cavaleiro, escutei um
Grito forte
De independência ou morte
À beira do riachão

Eu sou o tempo
Fui eu que mudou os ventos
Mas já são outros 500
E eu vou cantar noutra
Canção

**OUTROS 500 ANOS
(CHICO ALENCAR)**

O meu país não vai me chamar
De besta

Acabou a água fresca
Nas cacimbas do sertão

Sou escravo
Maltrapilho, sou
Posseiro
Sou o não ao meu destino
Nessa luta pelo pão

São mais de 500 anos
Tanto trote
Não duvide do meu mote
Sei dizer o que vivi

Minha memória feita de
Brasil adentro
Eu navego pela história
Do rio Grande ao Cariri

Eu vi entrando caravelas
Da Conquista
Num certo porto inseguro
Obscuro ponto de vista

Vi bandeirantes se
Matando
Pelo ouro
Errantes com sede e
Drama
Na terra de Pindorama

Ceguei nos pampas
Vi as lutas do meu povo
E percebi ali
O novo
Da vida sendo aprendiz

Na saga dessa gente
Quilombola
Vi precursores, penitentes
Sem esmola
Resistência dos nativos
E barões já decadentes

Feito um lamento
 De um tropeiro, ouvi um
 Grito estranho
 Era dependência e mortes
 E o latifúndio tacanho

Passou o tempo
 Quero mudanças na ação
 Agora são outros 500
 Pra construir de novo a
 Nação

Como dá para perceber, é alguém que trouxe sua contribuição para o início de nossa Semana Teológica, mostrando-nos uma nova forma de enxergarmos o nosso Brasil e a maneira com que ele é administrado. Encerra sua participação afirmando que *“a estrada que temos que caminhar é longa e árdua, mas que, para o nosso próprio bem, devemos começar a plantar um novo mundo, com novas idéias, nova organização coletiva, sementes de uma nova sociedade. E isso deve começar já, pois a nossa vida é curta.”*

No segundo dia, um painel sobre a **História do Brasil X História do Povo de Deus**, com a presença de três assessores e uma mediadora. Foram eles: Pastora Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio (UNIMEP), Prof. Pedro Lima Vasconcelos (PUC-SP), Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira (IEPG-UMESP) e Profa. Silvana Suaiden (ITCR PUC-Campinas), respectivamente. Apesar de tantas pessoas num curto espaço de tempo, tentarei ser o mais sintético possível, sem deixar de anotar os principais aspectos abordados por cada um deles.

O Prof. Pedro Vasconcelos foi o primeiro a se pronunciar e elaborou o seu discurso a partir do pensamento de Marilena Chauí. Por alguns instantes relatou o mito fundador do Brasil e passou a desdenhar os aspectos da sacralização da natureza, a sacralização da história e a sacralização do poder político, tão presentes na dinâmica da história da humanidade e também no andar da formação da cultura brasileira. Era como se o Brasil repetisse os longos milênios da história da humanidade em seus poucos séculos de vida.

Para os que aqui chegaram (portugueses) para explorar, o Brasil era um paraíso encontrado, era uma colônia exportadora. Assim sendo, muito semelhante ao Éden. Pero Vaz de Caminha já relata isso em sua carta à corte lusitana. E para entendermos esse fato de semelhança

do Brasil com a vida do Antigo Testamento, Pedro compara a escravidão na história do Brasil com a escravidão na história de José do Egito. O poder, para ele, distancia o benefício público do benefício privado.

Fazendo outra comparação, vê Israel como terra de leite e mel, o Brasil com águas de leite e barrancos de cuscuz. Mas, assim como no Antigo Testamento há muitos personagens históricos que marcaram uma mudança de sentido de vida e deram novos rumos à maneira pelas quais as pessoas passassem a viver, também no Brasil há esses personagens, e destaca, principalmente, Antônio Conselheiro. Pedro afirma que a consciência religiosa de algumas pessoas faz com que essas pessoas se tornem sujeitos históricos.

A Tânia, por sua vez, tratou da perspectiva de gênero no Antigo Testamento. Iniciou destacando que é mister privilegiarmos os movimentos e os momentos de encontro nas experiências de vida, e, por isso, estava satisfeita em estar ali naquela noite.

Segundo ela, não é importante descobrir as heroínas bíblicas, mas sim, através da hermenêutica bíblica de gênero, buscar perguntar-se acerca dos jogos de poder presentes na história, tanto do Antigo Testamento quanto hoje.

E essa hermenêutica, para ela, pode e deve ser feita tanto por homens quanto por mulheres, desde que todos e todas estejam interessados na verdade e na neutralidade, sem opiniões pré-conceituosas. O convite que ela nos fez foi o de descobrir as situações do real nos textos bíblicos.

Já o Paulo Nogueira, dando uma rápida olhada no Novo Testamento, destaca alguns paralelos dos mundos bíblicos e atuais. Começou citando a "Pax Romana" que defendia a melhoria de vida, mas quem pagava o alto preço dessa suposta melhoria de vida dos que viviam nos palácios imperiais era o povo, cada vez mais massacrado e espoliado pelo poder do império.

Para ele, há muita desesperança no texto bíblico. Será que hoje é diferente?

A linguagem, bem sabemos, é o símbolo do poder, da dominação. A língua facilitava a diversidade de culturas nos arredores do Mediterrâneo. E os cristãos entram em contato com os povos através de um tipo de intercultura, e não vencem o poder opressor. Hoje buscamos soluções mais ávidas do que anteriormente. Hoje a briga é para valer: vida ou morte.

E nesse sentido tem-se muito a dizer na sociedade atual. A briga até mesmo no campo religioso é tamanha, pois que nunca existiu uma religiosidade tão sincrética. Termina citando o documento recém-lançado, na ocasião, pela Igreja, a *"Dominus Jesus"*, e questiona: e nós, como entramos nessa dança?

Não precisa dizer que a partir daí muitas discussões foram surgindo, muitos desabafo foram emergindo e a participação da platéia foi muito pertinente, até mesmo porque um dos assessores, a Profª Tânia, professa outra fé que não é a católica. Como já mencionado anteriormente, a mesma é pastora metodista.

No dia seguinte, tivemos a honra e a alegria de receber uma pessoa muito querida no meio teológico: o Prof. Dr. Frei Carlos Josaphat, op, da Escola Dominicana de Teologia de São Paulo. Ele veio desenvolver o tema: **A Moral nos 500 anos de Brasil.**

Iniciou sua explanação fazendo uma observação acerca dos primeiros povos brancos que aqui chegaram, ou seja, os portugueses. Para ele, estes que chegaram aqui por primeiro, não cuidaram do Brasil como pátria. Assim sendo, é esse o início da Moral em nosso país. A Moral não acompanhava o sonho dos índios, dos povos aqui presentes, e sim, uma moral com um sonho falseado.

Josaphat afirmou com todas as letras: "a Moral é o despertar da pessoa". É o despertar da dependência, do legalismo, para uma renovação, para uma Ética da Libertação, em busca da validade de um sistema alternativo ético.

Citou, em breves palavras, o descaso do descobridor nos 50 primeiros anos de sua chegada em "nossas terras" (se é que podemos dizer que um dia isso aqui foi nosso!). Diante de tudo isso ele afirmou que somente com o realismo é que se dá início à construção de uma verdadeira ética no Brasil.

A Moral e a religião, nos tempos idos (e quem sabe até hoje!), não respondiam aos anseios do povo aqui presente. Surgiam "famílias" religiosas missionárias - as congregações religiosas. Quanto à hierarquia: falta de bispos e sacerdotes. Na sociedade, como num todo, não havia acompanhamento pastoral e sim acompanhamento do padre. Este último, quando presente, era o que designava, de forma determinante e impositiva como as pessoas haveriam de viver. E, assim, o catolicismo no Brasil nasce desse sistema de padroado.

Frei Carlos apresentou algumas datas que parecem interessantes serem mencionadas aqui para entendermos como se deu esse longo processo. Destaco algumas delas:

- Em 1551 é eleito o primeiro bispo do Brasil, o da Bahia. Este não possuía e nem deveria possuir o interesse em catequizar, mas, sim, devia se preocupar com os interesses de dominação, com a supremacia do rei.
- Até 1822 (ano da independência política sob Portugal), há apenas 9 bispados no Brasil.
- Até 1889 (ano da proclamação da República), são apenas 11 os bispos com sede aqui no Brasil.

Daí, então, ocorre a separação da Igreja e do Estado. Continuam presentes as totais exclusões de todas as vantagens dos índios e negros e passam a surgir alguns profetas, na medida em que acenam para o valor da vida e da dignidade humana. Ele defende a tese de que estes são, em sua grande maioria e, principalmente, leigos e não pessoas ligadas à instituição. Como exemplo ele citou o caso de Zumbi e de José Bonifácio que possuía um projeto de libertação dos escravos, com a formação para a vida de trabalho. Destacou que ninguém foi capaz de seguir seu exemplo e que, pelo contrário, foi “exilado”. Para o frei Josaphat, ninguém foi como José Bonifácio até então no Brasil: alguém preocupado pela vida, pela solidariedade, pela igualdade.

Encerrando sua participação, demonstrou um paradigma alternativo, na qual afirmava que a colonização só seria legítima se os colonizados aceitassem os colonizadores. Deveria ter havido como que um plebiscito. Como isso não ocorreu, os que aqui estiveram são ladrões! Afirmou isso analisando a partir do ponto de vista da ética e da evangelização.

Por fim, afirmou que “a ética deve ser vivida na luta. E que todos devemos, principalmente os interessados numa sociedade mais justa e igualitária, ter muita energia para viver, para compreender e para lutar”.

Ainda nessa mesma noite houve o lançamento do livro do Prof. Dr. Pe. Pedro Carlos Cipolini: *Cidade Transfigurada*. Para saber mais a respeito dessa obra, confira a resenha feita pelo acadêmico Rafael Capelato, aluno do professor supracitado, nesta mesma edição dos **Cadernos de Teologia** do ITCR da PUC-Campinas.

Na quarta noite de reflexão, para debater o tema **Ética da Comunicação e Marketing Religioso**, estiveram presentes os jornalistas Kater Filho, da Rede Vida de Televisão, e o Prof. Celso Luiz Figueiredo Bodstein, do Departamento de Jornalismo do IACT da PUC-Campinas.

O primeiro iniciou sua exposição falando sobre a questão do “marketing”. Destacou a “filosofia dos 4P’s”. Mas o que seriam esses “4P’s”? São uma forma abreviada e comum, quando se está habituado com o termo “marketing”: Produto, Preço, Praça, Promoção ou Propaganda. Segundo Kater, o “marketing” nasce da necessidade e trabalha com a pesquisa.

Citou diversos exemplos para se entender esses “4P’s”. De maneira sucinta explico: quando, através de uma pesquisa, se constata que há a necessidade de um novo produto no mercado, alguém, algum grupo ou alguma empresa cria esse produto a fim de atender a carência que tal pesquisa constatou. É o primeiro “P”. Em seguida, vem o segundo “P”, que é o preço na qual tal produto vai receber até chegar ao consumidor final. Se for muito alto, é claro que terá pouca saída. Em seguida vem o terceiro “P”. É a praça, ou seja, o local na qual este produto vai ser comercializado. É importante que esteja bem difundido e presente em todas as cidades, regiões ou, se possível, em todas as esquinas, a fim de atender a demanda. Por fim, o quarto “P”, é a propaganda, a promoção de tal produto. Se as pessoas não souberem que tal produto existe, fica difícil aumentarem as vendas e, assim, conseqüentemente pode levar ao fim da produção do mesmo.

Após fazer essa explicação, destacou que ele acha que o produto que a Igreja produziu e continua produzindo e que é de interesse de toda a humanidade é a SALVAÇÃO. Portanto, conclui que: Produto? A Igreja tem. Seu preço? Gratuito (quer algo mais interessante?). Sua praça? Muito diversificada e presente em todas as cidades, em todos os bairros, “sempre uma pertinho de você”. Sua promoção? Bem, aí sim está o problema: a precariedade na maneira como a Igreja “vende” o seu produto.

Para ele a Igreja deve estar mais atenta aos meios de comunicação e começar a perceber que ela pode fazer uso desses importantes meios de penetração nas casas das pessoas. Segundo ele, o produto deve ser levado às casas dos “fregueses” e não esperar que estes venham até a Igreja buscá-los.

Em seguida, Bodstein salientou o primeiro valor da comunicação que não é outra coisa senão dar a devida valoração ao

cotidiano. Vale ressaltar que sua intenção era argumentar acerca da ética da comunicação.

Para ele a ética é a possibilidade de entrar em conexão com o tempo em que vivemos, desmontando qualquer tipo de ideologia, e mais, é um caminho de volta à “cotidianidade”, encontrando-se com a consciência. A ética não pode ser confundida com direitos.

O fato de ter consciência é que dá liberdade de trabalho nos meios de comunicação social. Para ele, a comunicação é o “grande viés do mundo”. A ética, nesse contexto, surge como elemento qualitativo e valorativo e vem dar completude ao sujeito.

No último dia, abriram-se as atividades com o lançamento do livro do Prof. Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia de Exegese Bíblica*, cuja resenha pode ser lida neste mesmo número dos **Cadernos de Teologia**. Fruto de intenso trabalho do autor e com a colaboração de outros professores de nosso Instituto.

O tema da última noite, como que encerrando as nossas reflexões acerca dos 500 anos de Brasil, foi: **Prospectivas para a Evangelização**. Convidamos para tal exposição, o atual presidente da SOTER, o Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin, ofm cap.

Susin elaborou uma reflexão muito bem sistematizada que denominou de *Para um Brasil de outros 500*.

Partiu, então de algumas premissas:

a) a realidade (para ele, é o que nos faz pensar):

Devemos estar atentos aos projetos que vieram de fora para o Brasil, como a colonização, as interferências das culturas européias na formação do povo brasileiro etc. O Brasil só vai começar a sua intuição para a verdadeira evangelização após o Concílio Vaticano II. Porém, o mundo passa por uma nova ordem: surge o neoliberalismo, está presente um pentecostalismo docético, um pluralismo exacerbado, um fundamentalismo, que é uma reafirmação de identidade, um mercado que dissolve a solidariedade, mercado este que vai, aos poucos, substituindo o verdadeiro conceito do termo sociedade.

b) bíblico, eclesiológico e teológico:

Destaca a presença de um caráter soteriológico e messiânico, também antropológico, na sociedade fragmentada atual. Neste

sentido, acredita que a cristologia deve assumir uma característica "reinocêntrica", pois "a glória de Deus é que o homem viva" e "a glória de Deus é que os homens estejam 'vivendo' entre si".

A evangelização é a razão de ser da(s) Igreja(s), mas também deve ser da(s) Teologia(s). Assim sendo, para ele, a Igreja deve ser "evangelio-cêntrica", destacando-se as dimensões comunitárias dessa evangelização. Um ponto muito bem trabalhado por ele, e que deve ser seguido por todos os evangelizadores, é quando ele afirma que a evangelização, na comunidade, deve funcionar como iniciação e não como doutrinação. Em uma única frase: deve-se evangelizar para compreender e compreender para evangelizar.

Viu, depois de explicitar essas suas premissas, um grande potencial na sociedade. Começou falando das grandes energias que ele vê saindo da força de luta das mulheres, das massas desesperadas, das multidões dos pobres. Uma energia essa que, para ele, contagia e que deveria contagiar a todos. Viu, também, uma grande força de transformação que surge das culturas "não modernas", como ele mesmo chamou àquelas tradições menos esvaziadas pela modernidade como a indígena, a afro etc. Destacou, ainda, a resistência de muitos povos e a criatividade de muitas pessoas que fazem com que as ideologias das classes dominantes sejam cada vez mais desmascaradas.

Destacou, depois, que o homem deve fazer um discernimento daquilo que o cerca. A humanidade e a divindade de Jesus foram questões muito mencionadas, além do cânone cristão e a ajuda que deve haver para que se evite a ambigüidade e polivalência dos rituais como a força da magia, o sincretismo e o xamanismo.

Para Susin, a Teologia é um espaço de sonho, de liberdade e de criatividade e, através dela, a hermenêutica se torna possível, ainda que em uma dimensão escatológica. O antigo e bastante utilizado método do ver/julgar/agir, segundo ele, continua valendo, mas de maneira muito mais intensa nesse processo hermenêutico.

Para encerrar sua reflexão, estabeleceu alguns critérios para se construir um Brasil de outros 500 que, segundo ele, são de suma importância para o desenvolvimento de uma teologia e cidadania eficazes e simpáticas.

Destacou, assim, a *alteridade*, o *diálogo* e o *pluralismo*, tanto no que diz respeito ao gênero, às relações interculturais, no diálogo ético

(a ética está, para ele, no coração da evangelização), econômico, ecumênico, ecológico. Além do *risco do profetismo*, tanto na relação e contraposição que pode haver a partir da alteridade e alternativa, da solidariedade e obrigatoriedade, interioridade verdadeira e simulada (embalagens e símbolos), comunidade e individualidade. Citou como exemplo a grande disparidade de pensamento e linhas de ação entre CEB's e RCC, como sendo dois grandes paradigmas da atualidade.

Como conclusão, citou que de forma alguma a Teologia pode descartar ou fugir do pluralismo. Para Susin, o pluralismo pode ser o início do respeito às diversidades.

Nesse clima de encorajamento e ânimo para o pensar teológico, a fim de proporcionar uma evangelização que venha, de fato, ao encontro das necessidades daqueles que vivem à margem de nossa sociedade, respeitando as diferenças em todos os seguimentos da nossa cultura tão pluralista, é que se encerraram as atividades de mais uma Semana de Estudos de Teologia.

Esperamos que os frutos dessa Semana Teológica possam ser colhidos no tempo oportuno por todos aqueles que colaboraram para que a mesma viesse a ocorrer, sejam eles os organizadores, colaboradores ou participantes, alunos ou não de nosso Instituto, na expectativa de construirmos, juntos, o reino de Deus, que é justiça, partilha, solidariedade e fraternidade, com a urgência que os oprimidos esperam que aconteça.

Como o tema geral era acerca dos 500 anos de Brasil e de sua evangelização, encerro mencionando o ***Sermão da Renovação dos Outros 500***, presente na obra de Chico Alencar - BR-500 -, já mencionado anteriormente, da autoria de Dom Pedro Casaldáliga:

Os povos indígenas do Brasil vêm alertando nossa consciência e nossa solidariedade diante dos 500 anos brasileiros, que Portugal e o Brasil oficiais vão comemorar, celebrando, e que os meios de comunicação, como porta-vozes do sistema e da grande fraude histórica, apregoam dia a dia, num calendário de contagem regressiva.

A conquista, simultaneamente político-cristã (ou católica, mais especificamente), foi o "holocausto" não só de um povo, mas de muitos. De todo um continente e suas ilhas. Não perpetrado em nome de uma raça, mas de pretensa civilização cristã, em nome de "Deus".

Foram invadidas e conquistadas ao mesmo tempo as terras dos povos indígenas e as entranhas das mesmas, as florestas e a sua fauna, as águas e o ar, os mitos, os corpos, as almas, as vidas, a vida...

Por uma falsa e antievangélica assimilação do "poder" por parte da Igreja; pela sempre ambígua aliança Igreja/império; por uma concepção de missão, avassaladora e prepotente; e, numa última instância, mais profunda, pela fé num Deus possuído em exclusividade: a Igreja teve muito de império e a evangelização, muito de conquista.

A fé imposta e o batismo compulsório - que depois marcaria a ferro o corpo e a alma do povo negro escravizado - nunca são um bem: pervertem a fé e o batismo.

Mas as caravelas trouxeram também o evangelho. Por isso, podemos e devemos celebrar a explicitação da Boa Nova de um Deus que é amor e que se faz na carne e na história, Deus-conosco. "Livre, porém, de caravelas": de dominação, de colonização, de aculturação integracionista.

Devemos celebrá-la numa eucaristia bastante diferente daquela primeira em Porto Seguro - que comece por um sincero ato penitencial.

Que prossiga num ofertório fraterno de tudo o que é e tem esta plural Terra de Santa Cruz e culmine numa comunhão pluriétnica e pluricultural, ecumênica e macroecumênica, do sangue e do pranto, das lutas e dos sonhos, do passado, presente e futuro dos povos do nosso povo, sobretudo dos povos indígenas.

Comemorar honestamente, evangelicamente, os 500 anos de Brasil, para a Igreja, só pode ser rever todo o processo de evangelização que a mesma Igreja desenvolveu ao longo desses 500 anos. Rever o conteúdo e o modo dessa evangelização. Não apenas "com novos métodos e novo ardor", mas também com uma visão nova. Não só rever o catecismo, mas também a teologia. Não só a missão concreta, mas também a missiologia.

"Rever o Deus anunciado", para que seja verdade o Deus de Jesus, não amarrado, libertador do pecado, dos impérios e da morte.

Sendo assim, mais do que celebrar - porque o passado está aí - haveria muito a renovar, muito a assumir. No sonho e na vontade de "outros" 500! Assim seja!

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, C., *BR 500 - Um guia para a redescoberta do Brasil*, Petrópolis, Vozes, 2000³.

Sandro de Souza Portela cursa o 3º ano de Teologia no ITCR da PUC-Campinas e foi o Presidente do DA "João XXIII", na gestão "TEO2000".